



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE: PENSANDO DOR NO BDSM

Raquel Basilone Ribeiro de Ávila¹
Paula Sandrine Machado²

Resumo

O trabalho traz uma breve revisão bibliográfica sobre práticas sexuais conhecidas por sadomasoquismo, ou BDSM (sendo o acrônimo Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo), tendo como recorte a produção de estímulos doloridos. Esta escrita é parte de uma pesquisa de mestrado, ainda no estágio inicial, e traz algumas análises introdutórias no campo de estudos da sexualidade, pensadas na área da psicologia social. O viés metodológico traz a perspectiva feminista neomaterialista, que é localizada e objetiva na sua parcialidade, considerando elementos humanos e não humanos como agentes da produção material.

Palavras-chave: BDSM. Sexualidade. Corpo.

Na sala iluminada por velas, ecoam estalos. Em pé, empunhando majestosamente um flogger de 24 tiras de couro, há uma mulher. Ela veste preto e brilha, apesar da pouca luz: botas de cano alto, em verniz, calça justa crrê e um corset de vinil. Na sua frente, de joelhos, estende-se um corpo completamente nu e vibrando, já pintado com marcas vermelhas pelas costas e bunda. Agradece a cada nova pancada que recebe, numa contagem cuja voz fraqueja entre os gemidos. Na marca de 30, rasteja-se e beija devotamente cada um dos pés para então esperar o que será feito de seu corpo em seguida.


A cena fictícia foi pensada como um fragmento provocativo, propositalmente inacabado. A matéria humana e não humana performam algo que só se produz dentro de uma rede mais ampla, a qual incita as perguntas que fazem parte deste projeto. Para escrever esse trecho tive como inspiração algumas experiências em comunidades BDSM³, em que estive presente desde 2009. Explicar o que é o BDSM sem reduzi-lo a algo cuja fixidez não corresponda às grandes variações de definições que alcança na literatura acadêmica é a proposta do trabalho acadêmico que estou desenvolvendo. Enquanto parte de uma pesquisa de

¹ Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela UEL; mestranda em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. raquelbasilone@gmail.com

² Graduada em Psicologia pela UFRGS, mestra e doutora em Antropologia Social pela UFRGS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional/UFRGS. machadops@gmail.com

³ BDSM é a sigla cujo acrônimo contém 3 pares: Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo.





dissertação, ainda em fase inicial, escolhi como recorte uma reflexão sobre a produção de dores no BDSM, desde uma perspectiva feminista neomaterialista, cuja breve revisão bibliográfica sobre o tema inspira algumas análises iniciais para o campo de estudos da sexualidade, pensado na psicologia social.

As práticas do BDSM, conhecido popularmente como sadomasoquismo, podem ser pensadas em um universo mais amplo denominado *kinky sex*⁴, tendo como corte distintivo a erotização do poder. Nesse contexto, poder é utilizado no sentido de hierarquia, de autoridade, cuja contratualização, ao mesmo tempo em que reforça a consensualidade, implica na verticalização da autoridade envolvida, dividindo praticantes entre *Tops*, *bottoms* e *switchers*⁵.

A questão da consensualidade é central para o BDSM, como regulação que legitima e coloca em questão, juntamente, o que é seguro e o que é saudável nesse universo. A primeira terminologia adotada nesse sentido foi a da tríade SSC (São, Seguro e Consensual), com a exigência de uma palavra de segurança para sinalizar limites ou necessidade de término de uma prática em curso (WEINBERG; WILLIAMS; MOSER, 1984). Nesse sentido, apesar de ter tido reformulações que colocam em questão práticas consideradas pesadas⁶, como o RACK (Risco Assumido e Consentido no Kink), as três premissas anteriores continuam funcionando como princípios. Considerando que o risco seja um marco importante na maneira de se pensar sobre consensualidade, é dentro do debate das implicações do consentimento e da publicização dos debates sobre sexo, que foi levantado por Gayle Rubin⁷ (2003) e Carol Vance (1984) na década de 80 nos EUA, que o tema do BDSM mostra aspectos de importância.

As regulações mencionadas fizeram com que tais práticas sexuais encontrassem consciência de conotação política, ganhando força junto a grupos gays e lésbicos. Para dar força a tal movimento, Vance (1984), Rubin (2003) e Pat Califia (2000) criticaram posicionamentos de feministas anti pornografia e anti BDSM que condenavam a assimetria de poder nessas relações, condenando-as por considerá-las inerentemente uma mera extensão do


⁴ *Kinky sex* deliberadamente não traduzido pela insuficiência de uma palavra em português que alcance sua abrangência ao falar de fetiches. Leite Jr (2000) fala desse universo de práticas desviantes das “normais” como contraponto às formas de sexo convencionais, denominadas “baunilha”.

⁵ *Top* é a pessoa que controla a situação e *bottom* quem recebe e se submete, nesse contexto. São expressões em inglês que oferecem a possibilidade de não estabelecer a correlação com um gênero (na linguagem) ou um par específico do acrônimo, como Bondagista, Dominador/a, submisso/a, Sádico/a, masoquista, etc, relacionando somente quem está acima e abaixo na relação hierárquica. Tal diferença é reforçada através da escrita, com maiúscula para se referir a papéis que estão na posição de *Top* e minúscula para papel de *bottom*. *Switcher* pode desempenhar um ou outro papel, conforme a situação for negociada com a/o parceira/o.

⁶ São consideradas pesadas práticas que envolvem sangue e maiores riscos de lesões.

⁷ Para não exercer apagamentos em função do gênero, o primeiro nome das/os autoras/es serão explicitados na primeira menção e depois adotado apenas o sobrenome no decorrer do texto.





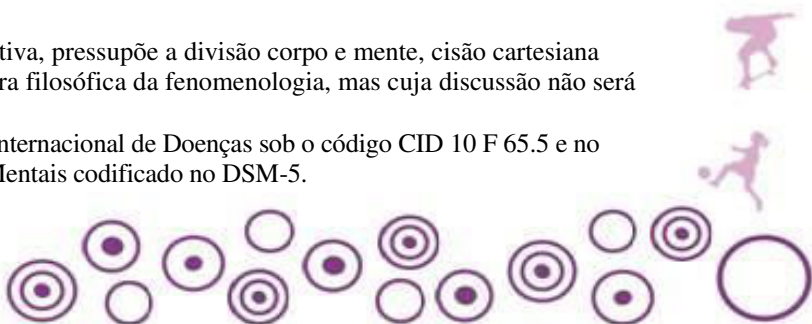
privilégio masculino, tradição que ressoa como os discursos anti-sexuais e conservadores. Nesse sentido, o ato de infligir e receber a dor (característicos do sadismo e do masoquismo) são usados como argumento de condenação a essas práticas pelas feministas anti-BDSM, mostrando uma relação bastante próxima com o debate instaurado pelo saber biomédico, enquanto regulação de uma sexualidade não ligada a interesses reprodutivos.


Michel Foucault afirma que o S/M traz novas possibilidades de prazer justamente por ser uma sexualidade que incorpora diferentes estímulos e permite acessar o corpo de maneiras menos convencionais. (FOUCAULT, 2004, p. 2663–264) Weinberg relata que há registros de práticas que mesclavam estímulos sexuais ao uso da dor, separadas por ele como física ou mental⁸, que datam do antigo Egito, sem conotação negativa. Há autores que mostram também esses tipos de técnicas em sociedades pré-letradas. (WEINBERG; WILLIAMS; MOSER, 1984). Apesar da existência histórica dessas práticas sexuais envolvendo dor merecer consideração, a classificação de sadismo tal como conhecida atualmente vem de 1834, na França, com a oitava edição do *Dicionário Universal de Boiste* indicando “aberração horrível do deboche, sistema monstruoso e anti-social que revolta a natureza” (LEITE JR, 2006, p. 238). Posteriormente, foi novamente utilizada pelo psiquiatra alemão Krafft- Ebing (2000) e adicionada da variante masoquismo, com sentido patologizante, fazendo referências ao campo da literatura e apoiando-se nos autores da literatura europeia do século XVIII Marquês de Sade e Sacher-Masoch. Seus nomes foram utilizados à revelia dos mesmos⁹.

No âmbito da literatura feita no Brasil, a autora Wilma Azevedo ([s.d.], 1986) colaborou como precursora do chamado “sadomasoquismo erótico”, conceito que problematiza a noção de “consenso”, considerado com seriedade entre praticantes do BDSM enquanto distinção da violência. Através dos escritos dela, publicados em revistas eróticas e jornais, as pessoas começaram a criar círculos de amizade mediante correspondências e classificados, em torno do interesse em comum sobre o assunto. Também foi atuante o autor Glauco Mattoso (1986), cuja obra foi capaz de ampliar o interesse sobre o assunto e criar uma conexão entre o público que aprecia esse tipo de sexualidade. Merece destaque o fato de ele ter militado diretamente no combate à ditadura entre as décadas de 70 e 80 como colaborador do jornal O Lampião. A constituição de uma comunidade de praticantes deve muito a essas pessoas, consideradas precursoras.

⁸ A separação entre físico e mental, nessa perspectiva, pressupõe a divisão corpo e mente, cisão cartesiana questionável e já amplamente criticada na literatura filosófica da fenomenologia, mas cuja discussão não será aprofundada aqui.

⁹ E encontram-se ainda inscritos na Classificação Internacional de Doenças sob o código CID 10 F 65.5 e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais codificado no DSM-5.





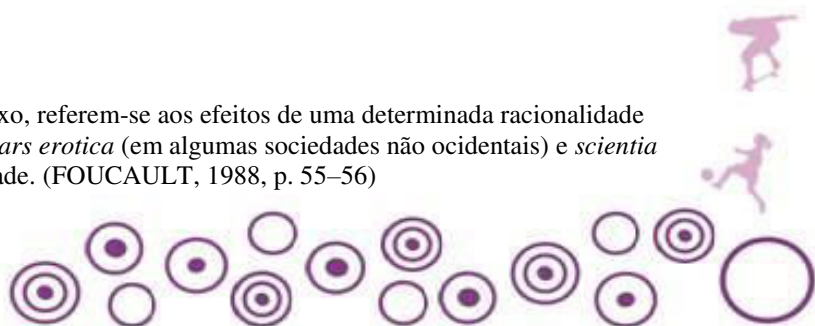
No Brasil, há bastante fonte acadêmica sobre o tema, sendo uma delas Jorge Leite Jr. O autor aborda as práticas que compõem o que nomeia como “cultura S&M” mediante “uma diferença marcante e precisa entre o sujeito “sadomasoquista” estudado pelas ciências da psique e o adepto da cultura S&M, embora nos meios de comunicação e no imaginário da cultura de massas eles se confundam, muitas vezes, propositalmente.” (LEITE JR, 2000, p. 4). Ele mapeia a existência de homens e mulheres que praticavam rituais de dor e prazer em plena concordância entre si às margens das interpretações oficiais. Posteriormente, na obra *Das Maravilhas e Prodígios Sexuais* (2006), ele discorre sobre a relação entre a pornografia bizarra e o negócio.


Ainda no âmbito acadêmico, o artigo “Erotismo Monocromático: a influência de “50 tons de cinza” na Erotika Fair” foi escrito buscando observar e refletir sobre o impacto da referida obra, que ficou popular sob alcunha do erotismo com elementos de BDSM. Nesse trabalho, em dupla autoria, é pesquisada a relação entre a edição do ano de 2015 dessa feira (avaliada como a maior de produtos eróticos da América Latina), com artefatos materiais enquanto produtores de, e produzidos por, determinadas noções de erotismo. (ÁVILA; CARVALHO, 2015).

Enquanto teoria estratégica de resistência ao poder, as propostas contrassexuais defendidas por Preciado no *Manifesto Contrassexual* (PRECIADO, 2014) interessam aqui a partir da ideia de estabelecimento de relações contratuais s/m e de que a arquitetura do corpo é política. Em diálogo com Foucault (2004), referenciando a desgenitalização do prazer, Preciado propõe a utilização do dildo (sendo uma de suas variações semânticas os acessórios de práticas s/m). Segundo o autor: “O dildo se revela, assim, como mais um instrumento entre outras máquinas orgânicas e inorgânicas (as mãos, os chicotes, os pênis, os cintos de castidade, os preservativos, as línguas etc.) e não simplesmente como a réplica de um único membro.” (PRECIADO, 2014, p. 79).

Visibilizar as forças políticas que marcaram historicamente a interpretação do assunto aponta para uma influência que ainda pode ser observada em produções de campos do conhecimento como sexologia e psiquiatria. Foi dessa forma que o discurso médico encontrou legitimidade para regular corpos e práticas em função de jogos de verdade¹⁰. (FOUCAULT, 1988, p. 63).

¹⁰ Mais especificamente jogos da verdade e do sexo, referem-se aos efeitos de uma determinada racionalidade legada pelo século XIX que produziu, através da *ars erotica* (em algumas sociedades não ocidentais) e *scientia sexualis* (na nossa civilização), o sexo como verdade. (FOUCAULT, 1988, p. 55–56)





Entra em questão na formulação contrassexual de Preciado a materialidade do que produz o ato sexual. Vou um pouco além, pensando na agência da matéria não humana levada em questão, embora de diferentes maneiras, por teóricas como Donna Haraway (1995, 2009) e Karen Barad (2003). Pensar por um paradigma que leva a sério as materialidades é entender que a existência da dor no BDSM é relacional às acoplagens que são possíveis considerando as objetos dotados de agência específica, posto que possuem peso, textura, forma, temperatura, etc.

Pensar essa dor nos termos de Karen Barad é considerar como a *intra-ação*¹¹ tem importância, considerada no realismo agencial¹². Seria verificar que o fenômeno dor passa a existir de maneira relacional numa cena BDSM, considerando o prazer mas jamais para tomar partido de um desses polos ou reiterá-lo. A partir do momento que o prazer anula a dor, a tensão se desfaz e, com ela o poder de ser uma prática que tem nesse mecanismo mesmo da tensão o que faz dela atraente. Dor é dor.

Referências

ÁVILA, Raquel B. R.; CARVALHO, Gabriel Z. Erotismo Monocromático: a influência de “50 Tons de Cinza” na Erotika Fair. **Revista Composição**, Campo Grande, p. 491-512, maio 2015. Edição especial.

AZEVEDO, Wilma **Tormentos Deliciosos**. São Paulo: Graphic Vision, s/d.

_____. **A Vênus de Cetim**. São Paulo: Editora Ondas, 1986.

BARAD, Karen. Getting Real: Technoscientific Practices and the Materialization of Reality.

Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies, Durham, v. 10, n. 2, p. 87-91, 1998.

_____. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, Chicago, v. 28, n. 3, p. 801–831, 2003.

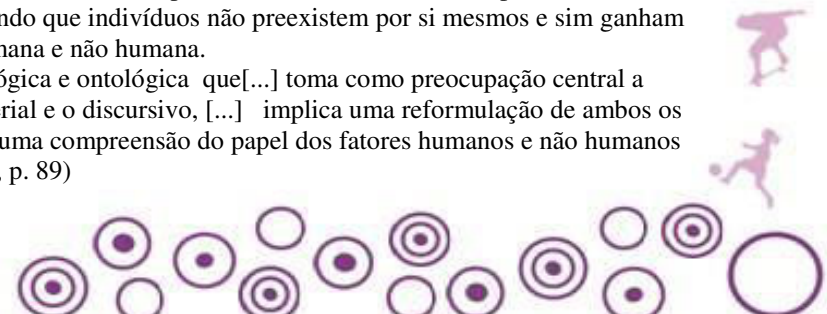
_____. **Meeting the Universe Halfway**. Durham & London: Duke University Press, 2007.

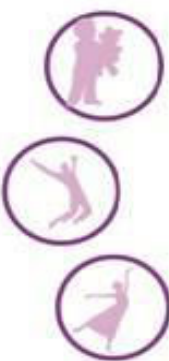
CALIFIA, Patrick. **Public Sex. Public sex : the culture of radical sex**. San Francisco: Cleis Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

¹¹ *Intra-ação* (em contraste com interação) é um termo utilizado por Karen Barad (2003, 2007) para desestabilizar a metafísica do individualismo, sendo que indivíduos não preexistem por si mesmos e sim ganham materialidade através de relações de agência humana e não humana.

¹² “Realismo agencial é uma estrutura epistemológica e ontológica que[...] toma como preocupação central a natureza da materialidade, a relação entre o material e o discursivo, [...] implica uma reformulação de ambos os seus termos - “agência” e “realismo” - e fornece uma compreensão do papel dos fatores humanos e não humanos na produção do conhecimento.” (BARAD, 1998, p. 89)





_____. Michel Foucault , uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve**, São Paulo, n.5, p. 260–277, 2004.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: _____. Kunsru, Hari; Tadeu, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33–118.

KRAFFT-EBING, Richard Von. **Psychopathia sexualis: as histórias de caso**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEITE JR, Jorge. **A Cultura S&M**. 2000. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia bizarra como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006.

MATTOSO, Glauco. **Manual do Pedólatra Amador**. São Paulo: Editora Expressão, 1986.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1, 2014.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, 2003.

VANCE, Carol S. **Pleasure and Danger**. Boston, London, Melbourne and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1984.

WEINBERG, Martin S.; WILLIAMS, Colin J.; MOSER, Charles. The Social Constituents of Sadomasochism. **Social Problems**, Oxford, v. 31, n. 4, p. 379–389, 1984.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

